

TEMPORALIDADES COMPARADAS ENTRE KI-ZERBO E M'BOKOLO SOBRE BILAD ES-SUDAN

Heuler Costa Cabral¹
Larissa Oliveira E Gabarra²

RESUMO

O artigo objetiva comparar e analisar as temporalidades em Joseph Ki-Zerbo e Elikia M'Bokolo a partir dos seus escritos sobre Bilad es-sudan (Estados da África Ocidental que coexistiram entre século IV a XVI) nos seus respectivos primeiros dos dois Tomos sobre a História da África Negra. Através de análise desses dois autores, constatou-se que, as perspectivas de dois autores, apesar que podem ser localizadas num mesmo esforço de (re)construção de história da África outrora negada pelo colonialismo, são diferentes. Enquanto Ki-Zerbo apresenta uma perspectiva mais nacionalista, M'Bokolo traz um olhar comprometido com processo de construção de novas sociedades africanas pós-coloniais, isto é, problemas próprios das preocupações dos seus respectivos tempos.

Palavras-chave: Bilad es-Sudan temporalidades historiografia africana Ki-Zerbo e M'Bokolo .

Unilab, Instituto de Humanidades, Discente, heuler1993@gmail.com¹
Unilab, Instituto de Humanidades, Docente, larissa.gabarra@gmail.com²



INTRODUÇÃO

A pesquisa pretende contribuir para uma perspectiva do ensino e de práxis de história e historiografia africana renovadas, que alinham com a necessidade do nosso tempo, a partir de uma reflexão comparativa entre as duas primeiras gerações dos historiadores africanos, tento como recorte os dois autores, Ki-Zerbo da primeira geração, e M'Bokolo da segunda geração dos historiadores africanos.

Tentaremos primeiro situar os dois autores nos seus respectivos tempos, ou seja, nas suas gerações, segundo analisar o escrito de Ki-Zerbo e, no final, o de M'Bokolo.

No entanto, em que medita as influencias temporais contribuíram para diferenciar os olhares historiográficos desses dois autores sobre o mesmo Bilad es Sudan (Estados Sudaneses)? Quais são as diferenças e semelhanças entre os dois autores nos seus escritos sobre referido espaço histórico?

METODOLOGIA

É uma pesquisa bibliográfica que foi realizada através de análise e interpretação escrita enquadrada nas influencias temporais de cada autor. Por isso, antes de mais, tentamos uma compreensão biográfica desses dois historiadores para depois agregar isso de forma intrínseca aos seus olhares sobre Estados Sudaneses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pirâmide invertida de Carlos Lopes e as duas primeiras gerações dos historiadores africanos

Para entender de forma sintética a diferença entre primeira e segunda geração dos historiadores africanos precisamos de introduzir a noção crítica de “Pirâmide Invertida” do guineense Carlos Lopes.

Os argumentos do pequeno texto de Lopes (1995) se repousam em dois eixos centrais: 1) a inferioridade africana e 2) a superioridade africana. A primeira diz respeito aos discursos e as imagens construídas pelos europeus sobre a África para justificar a inferioridade africana e exaltar a superioridade europeia, criando assim um dualismo hierárquico, Europa superior/África inferior. Foi Hegel, entre outros, que afirmou que a África não tinha história, era uma continente desprovida de razão (KI-ZERBO, 2008, p.10). E a segunda, a superioridade africana, trata-se da historiografia praticada pelos primeiros historiadores africanos como Ki-Zerbo e Cheikh Anta Diop que, ao rebater o discurso de inferioridade africana, não conseguiram superar tal dualismo, limitaram a responder a isso, criando também outro viés historiográfico que enseja a superioridade africana, invertendo assim a lógica da História, como se invertesse a pirâmide dos protagonistas dos fatos. Para Lopes, os discursos destes primeiros historiadores repousam em dizer: a “África também tem história” (LOPES, 1995, p.25), ao invés de simplesmente dizer a África tem história.

De referir de que este pequeno texto de Carlos Lopes foi resultado da sua fala no Colóquio Construção e o Ensino de história da África em Lisboa, 1995. Ao fazer esta crítica, Lopes quer chamar atenção a novos historiadores africanos para um olhar historiográfico renovado que supera a visão dualista África/Ocidente que sufoca um olhar mais holístico sobre as realidades históricas africanas.

Entretanto, estes autores de primeira geração precisam de ser compreendidos nas suas condições temporais. Deve-se indicar, demais, que as suas produções extrapolam, em grande medida, esta categoria de pirâmide invertida. Observar isso, é exatamente inseri-los dentro das suas respectivas experiências históricas, tempo de quebra da pesada falsidade da inferioridade africana, tempo do pan-africanismo e de nacionalismo, enfim, tempo de luta pela libertação total da África. Portanto, a historiografia da primeira geração dialoga com a primeira análise do conflito entre colonizador e colonizado, próprio da preocupação do seu tempo, e isso não



tira lucidez científica das suas obras e nem tão pouco a riqueza e colaboração dos textos para a construção da História da Humanidade. Não obstante, essa intenção de Carlos Lopes de deixar o olhar histórico do dualismo Ocidente/África se identifica mais com os historiadores da segunda geração.

Joseph Ki-Zerbo e seu escrito sobre Estados Sudanese

Ki-Zerbo é um dos historiadores da primeira geração, nasceu em 1922 no atual Burkina Faso e morreu em 2006, fez ensino superior em Surbonne/París onde obteve a graduação com grau de honra em 1955. Voltou para seu país em 1960 (ano da independência do seu país), mas antes deu aula ainda em França, depois em Senegal e Guiné-Conakry. Neste último país fez apenas um ano (1958-59) e participou como um dos jovens pan-africanistas a rejeitar a constituição francesa, ato que deu por completo a independência daquele país então liderado por Sekou Turré. Depois passou para o seu país (então Alto Volta) recentemente independente em 1960, que precisava tanto de quadros para administração, como na área de docência. Chegado atual Burkina-faso, Ki-Zerbo não só trabalhou como professor, mas também engajou politicamente (como outros historiadores dessa geração) para construção da sua nação e para libertação de toda África, foi ainda líder do partido PDP - "Parti pour la Democratie et le Progrès". O seu auge como intelectual vai chegar em 1972 quando publicou o seu livro História da África Negra.

No seu escrito sobre Sudão Ocidental (no Tomo I de História da África Negra, 1972), Ki-Zerbo apresenta uma abordagem concentrada mais nos Estados. Ao falar de Bilad es Sudã, o burkinabe prefere abordar os três grandes impérios (Gana, Mali e Songhai) de forma separada, porém, não dedicou uma abordagem específica ao primeiro império que é Gana, apenas o apresentou como um império em decadência para ascensão do novo Mali.

A sua análise segue uma ordem cronológica de nascença a decadência imperial (origem, apogeu, decadência). É um modo de narração um pouco determinista, pois a sua composição narrativa enseja etapas que um império ou estado tivesse que passar. É um tipo de historiografia que era recorrente na historiografia europeia positivista e nacionalista, concentrado no estado ou império, mostrando sua grandeza ou fraqueza (BOURDÉ, 1983).

No que refere as fontes usadas por Ki-Zerbo, é notório a intensidade de uso das fontes orais, principalmente quando trata de império de Mali e ascensão de Sundiata Keita, e raras vezes faz a crítica a esses documentos orais aprofundando a reflexão sobre o tema. E sabemos que as fontes orais, sobretudo, aquelas referentes ao estado, exaltam mais a corte e linhagens do rei do que as preocupações de pessoas comuns (BARRY, 2000), neste sentido, estas fontes alinham com o objetivo nacionalista do Ki-Zerbo em exaltar a grandeza dos antigos estados sudanese.

Elikia M'bokolo e o seu escrito sobre Estados Sudanese

Elikia M'bokolo, da segunda geração, nasceu em 1944 no atual República Democrática do Congo teve a sua graduação em letras clássicas, e em 1971 teve seu doutorado em história na École Normale Supérieure, escola onde também estudou Ki-Zerbo.

Diferente de seu mestre Ki-Zerbo, vivenciou o colonialismo com idade menor, na França participava também dos movimentos jovens negros. A sua maturidade científica já vai ser no período pós-coloniais. A primeira publicação do seu livro foi em 1992. Daqui é possível pensar as mudanças que terão ocorridos na África e no mundo desde a publicação de obra de Ki-Zerbo, 1972. A África, por exemplo, já estivera independente do colonialismo, enfrentado doravante grandes dificuldades na construção das novas nações e novas sociedades outrora imaginadas numa unidade pelos primeiros historiadores, "unidade" essa que depois das independências foi colocada em xeque pelas pluralidades nacionais marcadas pelas antigas fronteiras



coloniais e assombradas pelas unidades das lutas pelas independências. Daí que podemos notar o olhar crítico de M'Bokolo no seu relance para a reconstrução historiográfica da primeira geração, mas sobretudo, da obra do seu mestre Ki-Zerbo.

Ao analisar Bilad es-sudã, M'Bokolo apresenta-os como estados que se coexistiram e se disputam ao longo de tempo por aquele espaço de poder político e comercial num processo conjuntural que vai de século IV a XVI, o que lhe diferencia de Ki-Zerbo que fez de forma separada.

Ao falar de povoação do Sudão ocidental, M'Bokolo tenta livrar das linhas nacionalistas ou pan-africanistas, e vai muito mais além de ver estes estados como simplesmente de africanos e de negros. Apesar que o Ki-zerbo identifica também a miscigenação da população de Bilad es Sudan, M'Bokolo vai mais ao fundo a destacar essa miscigenação, mostrando até a contribuição dos povos estrangeiros por assim dizer. O congolês começa desde descoberta arqueológica do período proto-histórico que apresenta um grande número de esqueletos do tipo não negro (45% não negroide, e 25 negroide, entre 66 esqueletos apresentados) questionando deste jeito em tom mais alto o nativismo africano de caris pan-africanista. Porém, o autor não deixa claro quais medidas foram utilizadas para classificar tipos negros e não negros, lembrando que os africanos, apesar serem classificados muitas vezes com um único fenótipo, são tão diversos, cultural e fenotipicamente, que qualquer classificação dessa precisa tornar os métodos classificatórios tão claros, de modo a evitar a reprodução da ideia de "africano puro" que nunca existiu ou existe.

Seguindo, M'Bokolo fala também do contato entre os povos berberes e os sudaneses antes e depois da era islâmica no continente. Mostra que já existiam trocas comerciais de povos de Sahel com os principais povos do deserto (povos berberes), pois este comercio se amplifica mais com chegada do islão. E a partir da presença islâmica já podia identificar, desde o Império de Gana, as comunidades berberes e árabes no Sudão Ocidental.

Ao falar da questão política econômica, numa sociedade em que a vida urbana e islâmica tornava cada vez mais o padrão de cidadão no Bilad es-sudã, autor desconstrói uma visão acentuada no Estado e traz a contribuição das populações rurais que sustentavam a cidade, como também fez Ki-Zerbo ao falar de Songhai, porem, em menor proporção que M'Bokolo. Este acentua ainda que essa contribuição nem sempre aconteceu com benevolência. Há alguns povos (etnias) que eram submetidos a escravidão (como etnia Chi) destinados a fornecer permanentemente determinados produtos como cereais ou peixe e eram vulneráveis perante a lei do Estado islâmico.

No que toca à questão da fonte, o autor entrecruza várias fontes, ao ponto de não se notar a presença predominante de nenhuma das fontes, incluindo as orais de forma crítica.

CONCLUSÕES

Entretanto, constatou-se que, as perspectivas de dois autores sobre o mesmo espaço de pesquisa, apesar que podem ser nomeadas num mesmo esforço de (re)construção de história da África outrora negada pelo colonialismo, são diferentes.

Enquanto Ki-Zerbo apresenta uma perspectiva mais nacionalista, fato que, em grande medida, o limita a confrontar as ideias da inferioridade histórica imputada pelo Ocidente a África, M'Bokolo traz um olhar pouco comprometida com história nacionalista, e o seu escrito é uma revisão do Ki-Zerbo.

Conclui-se que essas diferenças só podem ser entendidas pela diferença temporal da vivência dos autores enquanto cientistas, e sobre tudo, homens de seus tempos. Entanto Ki-Zerbo dialoga com o problema da libertação colonial, M'Bokolo dialoga com o problema de construção de novas sociedades africanas pós-



coloniais.

AGRADECIMENTOS

A:

Programa de Bolsa de Monitoria - PBM

Prograd - Unilab

REFERÊNCIAS

Biografia de Ki-Zerbo acesso 07/03/2021

Biografia de M'Bokolo 07 de março de 2021

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Capítulo VI, Escola metódica, 1983, pp.100-118

BARRY, Boubacar. Reflexão sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia In: Senegâmbia: O Desafio da História Regional. Salvador: Centro de Estudos Afro-asiático, 2000.

Ki-ZERBO, Joseph. História da África Negra, Tomo I. 2009.

LOPES, Carlos. Pirâmide Invertida. In: Actas do 5º Colóquio Construção e o Ensino de história da África.

Lisboa: Linopazas, 1995. pp.21-29. Disponível em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.018#!8>

M'BOKOLO, Elikia. África Negra, História e Civilizações, Tomo I, 2009

